

RUY GALVÃO DE CARVALHO :
O HOMEM E A OBRA *

por
GUSTAVO DE FRAGA

Quis a Junta de Freguesia de Rabo de Peixe, pelo seu Presidente, Senhor José Cirilo de Sousa Pacheco, nesta homenagem prestada a um filho ilustre da terra, convidar-me para, associando-me ao seu gesto, traçar a biografia espiritual, esboçar a figura moral do Dr. Ruy Galvão de Carvalho, e com isso recordar as razões que, aqui, em sua volta nos juntam. Neste ambiente pátrio de que intensamente participo, um pouco pela origem, mas de facto porque, embora nascido numa pequena aldeia do extremo ocidental do Arquipélago, nas Flores, foi em São Miguel, nomeadamente em Vila Franca do Campo, que aprendi a balbuciar as primeiras palavras, não preciso, portanto, de invocar a qualidade de açoriano para sublinhar a amizade que também me traz.

Mas se a amizade é segundo a natureza, como acentua Cícero no seu *Lelius de amicitia*, por termos nascido de tal maneira que há entre nós um laço social tanto mais forte quanto mais próximos estamos uns dos outros, e se «nada melhor foi dado ao homem pelos deuses imortais», o mesmo

* Conferência proferida na homenagem prestada pela sua terra natal, em 17 de Dezembro de 1978.

Cícero também nota que há entre o amigo e o lisonjeador uma diferença essencial, a que existe entre a simulação e a verdade, entre a imitação e o original.

Por isso, não falarei para causar prazer, mas para dizer a verdade, a verdade documentada pela obra literária do homenageado, pela sua acção pedagógica vivida na formação de estudantes liceais e de professores, pela sua intensa colaboração na imprensa do continente e dos Açores, bem como em publicações periódicas e na radiodifusão, através, também, de uma procura de comunicação pessoal pela amizade, uma amizade em que o importante não é o parecer, mas o ser. É que a virtude autêntica, sem a qual não há amizade, não se dá sem um sentido e um sentido só se encontra na busca sincera da verdade.

E é um sentido, válido em mais de uma perspectiva, que acompanha a minha presença e as minhas palavras.

Permita-se-me, para começar, que recorde uma época que recua aos anos de 30, no então Liceu de Antero de Quental, uma época inteiramente diferente, em que ainda se não verificara o actual afluxo de frequência e em que os docentes possuíam em regra uma preparação científica de 5 anos e pedagógica de 2 anos. O professor sem habilitação era ignorado e, no sector das ciências humanas, alguns dos docentes de então tinham conquistado um nome nas letras ou na investigação histórica.

Foi nesse ambiente em regra estimulante que, pela primeira vez, numa aula, conheci o Dr. Ruy Galvão (assim era por nós nomeado) como professor, sendo eu aluno, um aluno tímido e bisonho, ainda alheio ao meio escolar e recém-chegado do Colégio de Vila Franca do Campo, que frequentara no primeiro ciclo liceal, o único que, ao tempo, ministrava, e que se concluía com o terceiro ano.

Ao Dr. Ruy Galvão de Carvalho fora distribuída uma cadeira do grupo de Português-Latim, precisamente a continuação da iniciação na língua latina. A tanto já obrigara a carência pedagógica, porque possuía a licenciatura de Ciências Filosó-

ficas, da Universidade de Coimbra, e fizera o estágio no seu grupo, desistindo de uma carreira universitária que se lhe poderia ter aberto.

Não era o tipo de «professor» que eu estava preparado para ter. Estou a vê-lo ainda, não escondendo a contrariedade que para ele significava ocupar-se de declinações, quando o «importante» era o conteúdo, o conteúdo por detrás dos significantes, a literatura. Era um jovem professor, espontâneo e rápido na palavra e no gesto, tal como agora capaz de pôr todo o fogo de um temperamento entusiasta e comunicativo na exposição. Alheio a convencionalismos, informal no trato pedagógico carregado de um *ethos* muito fortemente caracterizado e muito pessoal, precipitado por vezes em juízos sumários, mas imediatamente pronto a revê-los e a agir como se não se tivessem verificado, uma pureza de adolescente no olhar: assim o adivinhei no castigo das declinações que a metodologia de então transformava no escopo da aprendizagem da língua. Foi a primeira vez que ouvi, da boca do próprio professor, censurar a estupidez de aprender uma língua «assim». E essa capacidade de protesto, filha de um expressivo descomprometimento, foi um traço que se comunicou a muitos dos seus alunos, ou que neles despertou, resistindo à penitência da vida, que teima em reduzi-nos aos padrões da oportunidade — o que está longe, infelizmente, de ser sempre virtude.

Nesse primeiro convívio pedagógico, o professor revelou-se pelo seu interesse pela literatura. Mas só o encontramos, verdadeiramente, na sua dimensão própria, quando, particularmente os que se sentiam atraídos pela reflexão filosófica, o tivemos como professor de filosofia. Deparou-se-nos, então, o mestre já com exigências bibliográficas, o professor que não admitia o desconhecimento do francês como meio de leitura, o professor que distribuía temas pelos alunos e os fazia apresentar e discutir na aula. Lembro-me de me ter sido distribuído um trabalho sobre caractereologia, que, mais tarde, me foi útil na universidade, como excelente introdução ao assunto.

O interesse metafísico e ético sobrelevava o interesse do Dr. Ruy Galvão pela literatura, ou, pelo menos, acompanhavam-se os dois. O professor não hesitava, por vezes, em dar um cunho pessoal à exposição, em especial quando Antero de Quental se tornava episodicamente centro de reflexão. Era o seu tema, alguma coisa que o transformava por momentos e que tinha de deixar com desgosto, por exigência da pedagogia. É que a responsabilidade do professor estava sempre presente e creio, não obstante o entusiasmo anterior, que poucos professores de filosofia de então cumpriram com mais rigor o dever de tornar acessíveis aos alunos os manuais filosóficos. O nosso era o curso de Régis Jolivet, em francês, Régis Jolivet que eu viria mais tarde a conhecer pessoalmente, por acasos da vida.

Quando saí do liceu, ainda nos meus dezasseis anos, posso dizer que levava comigo dois interesses enraizados e já cultivados, o literário e o filosófico. E lembro-me que a primeira coisa que fiz, eu que sentia o apelo da vocação intelectual e que na ordem natural das coisas não o poderia seguir, frequentando uma escola superior, foi procurar o Dr. Ruy Galvão e solicitar-lhe direcção e apoio crítico.

Não foi só episódico o apoio dado. Passei regularmente a frequentar o Dr. Ruy Galvão de Carvalho, que me recebia na biblioteca da sua casa, então na Rua Coronel Chaves, mais tarde, algumas vezes, no verão, ao fundo do seu jardim, com Diogo Ivens Tavares, falando dos nossos temas, predominantemente temas literários, muitas vezes de Antero, ouvindo uma ou outra página de recente leitura, ou evocando Coimbra, onde o nosso anfitrião deixara muita saudade e parte da sua juventude e onde tinha e possui ainda amigos que o recordam com grande amizade e apreço. Durante esse tempo se foi confirmando a minha vocação intelectual, fui formando ideais de vida, aceitando a orientação que me levou à leitura das grandes obras poéticas e, particularmente, dos cancioneros medievais. Só muitos anos depois pude avaliar o grande sentido de humanidade, a generosidade e a capacidade de doação necessários,

sobretudo nos primeiros encontros, para que aquele professor, avaro do seu tempo, no sentido em que o seu labor recomeçava, fora de aulas e dos seus encargos, com os estudos anteriores, que na época o absorviam, pudesse, por outro lado, sem aparente sacrifício, discutir as minhas leituras, emprestar-me os seus livros e ocupar-se da minha receptividade para eles.

Foi preciso falar de mim para avaliar de perto uma das dimensões mais extraordinárias da personalidade do Dr. Ruy Galvão, a da sua capacidade de amizade, prolongada necessariamente pela doação dialógica ao outro, o reconhecimento constante de que o homem não é apenas obra de si próprio, mas obra da humanidade culta, numa teia de relações intersubjectivas em que a convivência de mestre e discípulo se prolonga para fora da escola e cresce em exigências éticas recíprocas — as da virtude e da sabedoria, sem as quais não medra a flor susceptível da amizade.

A minha ausência das Ilhas, por longos anos, temperada pelas relações epistolares, manteve, embora espaçadamente, o antigo convívio, nem sequer interrompido nos anos de deambulação pela Europa particularmente pela Bélgica e pela Europa germânica do após-guerra, sendo que a minha curiosidade pelo «germanismo» não foi alheia à predilecção de Antero de Quental, de que se faz eco a famosa carta autobiográfica a Storck. Finalmente, Coimbra, onde durante anos de magistério universitário encontrei quase diariamente alguns dos companheiros do Dr. Ruy Galvão, na sua juventude, revelou-me a forte presença que ali deixara, afectiva e intelectualmente.

Voltando atrás, posso portanto dispensar-me de explicar por mais razões o significado da minha presença e das minhas palavras que, na sua plenitude, admito que, num momento tão perturbador do mundo, valeriam por si sós o meu regresso à terra-mãe, generosa no seu belo sentido humano — no sentido humano desta própria homenagem de Rabo de Peixe a um filho ilustre que a tem amado e em quem se contempla, no

regozijo de o ter visto nascer e trabalhar à sombra das árvores seculares, na solidão da mata a que o filósofo deu o nome: Mata da Solidão.

*

Não obstante a sua passagem por Lisboa, como aluno da Faculdade de Direito, definitiva foi, para o Dr. Ruy Galvão, a sua mudança para Coimbra, em que acaba por transferir-se, já então no terceiro ano do curso de Direito, para a Faculdade de Letras. A mesma decisão tomou ao tempo o seu colega Vitorino Nemésio, só que este se matricula em Filologia Românica, ao passo que Ruy Galvão de Carvalho em Ciências Filosóficas.

Já falei, mais de uma vez, de Coimbra e não será demais insistir no seu papel na formação do espírito do nosso homenageado. Hoje, que os estudos universitários existem nos Açores, particularmente em Ponta Delgada, e a distância dos começos do século, dadas as transformações havidas, não pode imaginar-se com exactidão todo o significado da transferência de um ilhéu, nascido a 3 de Novembro de 1903, na freguesia do Senhor Bom Jesus de Rabo de Peixe, para a cidade doutora dos fins do primeiro quartel do século. Sobretudo se esse jovem ilhéu tem a prontidão entusiástica da réplica e a fantasia exuberante lhe não falta.

Mas, mesmo num ambiente confinado de juventude, e particularmente nele, há as atitudes efémeras e as permanentes. Antero de Quental, no século XIX, conta, na já citada carta autobiográfica a Wilhelm Storck, o que para ele significou a Coimbra do seu tempo, ao chegar de «uma plácida província remota imersa no seu plácido sono histórico» a um centro intelectual onde repercutiam as correntes do pensamento europeu. A figura do nome máximo da inteligência açoriana, do mentor da Geração de Setenta, as suas atitudes também, pesaram sobre o jovem Ruy Galvão de Carvalho, por natureza «um inquieto e um insatisfeito», como algures ele próprio confessou.

O diálogo estabelece-se rapidamente através do tempo, entre as motivações de Antero e Ruy, só que o primeiro chegou a Coimbra, moço, pelos fins da década de 50 do século passado, e o segundo por volta de 1922. Entre Antero e Ruy medeia também o interesse de um anterianista que é seu professor e de quem se torna amigo, o Doutor Joaquim de Carvalho, da Faculdade de Letras. Não obstante, Ruy tem de passar pela «crise», uma crise de busca que o fez episodicamente interessar-se pelo protestantismo, e não só.

Esta foi, porém, a atitude efémera. Rapidamente, o que é permanente se afirma, com o renascimento católico do século e com a influência do Integralismo Lusitano, cujo fundador terminara o curso de Direito na Universidade de Coimbra, em 1911, antes de se instalar em Elvas e em Lisboa e de intervir pela pena e pela acção política na vida portuguesa. De António Sardinha e do seu grupo Ruy Galvão recebe a lição de um tradicionalismo ligado à ética social de um estado monárquico e agrário, ética profundamente reformista no plano das mentalidades e exigente no das transformações da sociedade.

O Integralismo Lusitano (recorde-se que «lusitano» é o qualificativo que Teixeira de Pascoais adopta para o movimento da Renascença), é inseparável de um sentimento mais vasto do nacionalismo português, que, já antes da proclamação da República, e em face de sucessivas frustrações da vida política nacional, se vai radicando nos meios intelectuais de Lisboa, Porto e Coimbra. Mais precisamente, o Integralismo toma consciência de si, em determinado momento, como corrente diversificada de um movimento nacional mais vasto. E, resolutamente, adoptando a qualidade repetitiva das instituições, regressa ao ideal monárquico, particularmente às teses da monarquia popular em que se formara a nacionalidade e a sua alma se temperara.

A intoxicação por palavras é o agente da cegueira prática e um dos meios de formação dos homens irreconciliáveis, de que precisa a sociedade de recusa e, com ela, como sempre, a mediocridade. Por isso noto que o tradicionalismo de Sardinha

e do chamado Integralismo Lusitano, o seu nacionalismo, está, nas suas origens, nos antípodas dos totalitarismos do século XX e bebe em Alexandre Herculano forte inspiração. Não num Herculano de juventude, miguelista exaltado e arruaceiro nas refregas lisboetas entre *Burros* e *Malhados*, que desse não há vestígio doutrinário, restando apenas, provavelmente, a cicatriz profunda no rosto austero, mas no Herculano incontestável da *História de Portugal*, peça necessária para compreender a procedência do estado municipalista de António Sardinha, bem como, por seu turno, a sua conversão do republicanismo ao tradicionalismo. Para Herculano, como para Sardinha, a liberdade municipal é a base da liberdade política verdadeira, sendo que a liberdade dos concelhos era inseparável da regeneração do país, no sentido largo do termo «regeneração».

Assim, as liberdades municipais, a promoção dos assalariados rurais à condição de proprietários, as facilidades de crédito, são todo um programa que António Sardinha pode ler em Herculano, ao mesmo tempo que, através do fundador da moderna historiografia portuguesa e do seu medievalismo, se vai formando no seu espírito a ideia polémica de uma descentralização que tem como fim a restauração de uma liberdade antiga que se perdera no modelo da Revolução Francesa e das criações pós-revolucionárias, todas elas centralizadoras e inspiradas no centralismo. Em regra, ignora-se que algumas das mais relevantes teses de Sardinha estavam em Herculano, tendo passado também, em certo momento, por Oliveira Martins e pela Geração de Setenta. Antero de Quental que, por 1873, repudia qualquer transformação social por «iniciativa autoritária» ou que pretira «um único direito» e identifica o seu socialismo com «reforma» e não com a «subversão», em 1877, no ano da morte de Herculano, abalado pela «vertigem» que detectava na «revolução moral e social» dos tempos, chama a atenção para o tipo nacional do solitário de Vale de Lobos, em que reconhece «o perfil enérgico e simples dos heróis típicos da nacionalidade portuguesa» e «uma dessas raras individualidades em quem se reflecte, como num espelho, o carácter de uma raça».

Ainda não é um «para trás, para Herculano» e, pela sua experiência para as raízes, mas é uma das sugestões que hão-de ser motivos dominantes do Integralismo Lusitano, juntamente com a recusa da tradição renascentista e do seu tipo abstracto de homem, a definição da liberdade como meio para criar homens e não como fim em si, a aversão ao cesarismo e ao centralismo. Naturalmente, os integralistas recorrem a uma certa feição da atitude política de Herculano: a da sua aversão ao socialismo, que considerava inútil como «doutrina constituinte» e meio para conduzir ao despotismo das multidões, gerado na inveja, a da sua crítica às ideias «democrático-republicanas», baseadas na «idolatria do algarismo». De resto, se os integralistas contestam ao Parlamento a herança das Cortes, não é do século XX o seu antiparlamentarismo, que herdaram do Partido Legitimista como dado programático, bem como a doutrina das Cortes Gerais, tão compreensível a partir da oposição ao projecto do Partido Socialista, o qual, no início do século, se propunha por programa, a abolição do Estado em todas as formas históricas.

Com isto não pretendo fazer uma apologia do programa de *Nação Portuguesa*, nem de algumas das idealizações menos críticas que reflecte, embora seja ridículo, por outra parte, julgá-lo simples episódio de cabotinismo político. Raul Proença, que com António Sérgio e Jaime Cortesão acabou por aliar-se aos Integralistas no grupo dos «Homens Livres», muito embora fosse um crítico implacável do Integralismo, desde muito cedo o confessou implicitamente em *Seara Nova*, exprimindo-se inequivocamente: «Ora a verdade é que nem todos os integralistas são destituídos desse talento e dessa cultura que lhes querem absolutamente negar. (...) E é falso que a nova ideologia não tenha conquistado uma área enorme de inteligências juvenis».

Hoje, parece não ter sentido confessar apenas que Sardenha possuía talento literário, como quer Proença, ou que Pequito Rebelo era um especialista de relevo. Em minha convicção, o Integralismo contém mais elementos de uma estética medievalista e de uma ética nacional do que de uma doutrina político-

-social com resposta às revoluções tecnológicas e às transformações de base económica, bem como à situação peculiar da consciência civilizacional contemporânea. Mas, há muito de sadio idealismo e descomprometimento na sua origem lusiada e algo de permanente na sua mensagem. É justo não esquecer que o Integralismo, cujas fontes inspiraram Ruy Galvão e lhe educaram a inteligência e a sensibilidade, constituiu, no plano cultural-político, a única resposta de vulto e original — eu diria, *inata* — que, neste século muito embora adoptando elementos decadentistas como o Sebastianismo, procurou reagir, sem compromissos, ao já secular e repetido fenómeno de crise de identidade da consciência nacional portuguesa, que tanto ocupou, entre outros, Antero de Quental e Teófilo Braga.

Em particular, as fontes medievais e a estética do Integralismos são indispensáveis para compreender a personalidade do pedagogo, do poeta, do anterianista, do açorianista, que o Dr. Ruy Galvão de Carvalho tem manifestado, durante dezenas de anos de exercício do magistério, em Coimbra, Lisboa e Ponta Delgada e, além de tudo, sempre em intensa actividade literária.

No Integralismo se enraíza o sentimento português, exaltado como é próprio do entusiasmo com que vive as convicções, e que o Dr. Ruy Galvão sempre exteriorizou. Esse sentimento foi-lhe comunicado pela paixão de Sardenha pelas matrizes do povo e da autonomia de Portugal, contra as teses arcaizantes da comunidade monárquica com a Espanha e contra as teses iberistas do socialismo federalista, hoje de novo actuaentes. Quem ler com atenção a obra de Rui Galvão e, por ela, procurar descobrir a génese do seu espírito, não pode fugir à convicção de que o seu culto das raízes, sejam portuguesas, sejam açorianas, sejam locais, como é o caso da sua aldeia natal, é um legado precioso da educação pela poesia do grande lírico alentejano, que foi um dos poetas máximos do século. Ruy Galvão de Carvalho possui uma natureza especialmente dotada para a poesia e foi a poesia de Sardenha, em minha convicção, que mais o aproximou do movimento integralista. O que não significa que permanecesse alheio, no geral, às suas

teses históricas e políticas e, em certos casos muito precisos, lhes tolerasse transigências e acomodações.

A formação filosófica de Ruy Galvão assenta no neotomismo moderno, particularmente no de Jacques Maritain, temperado com algumas teses de Bergson e em movimento dialógico permanente com Antero de Quental, a que em todos os momentos recorre, mesmo numa conferência na Associação Católica de Ponta Delgada, em 1934. Não hesita perante as palavras mais ousadas, como a de «Revolução». Ouçamo-lo: «A todo aquele que leva uma vida de 'paz podre' e de quietismo comodista, a todo que não se interessa com o que vai por este mundo fora nem tão pouco se preocupa com o 'dia de amanhã', a todo aquele que não é inquieto, rogamos uma coisa: que feche os ouvidos e não nos ouça, porque as nossas palavras são de intenção incendiária, são palavras revolucionárias; mas a todo aquele que acompanha o movimento actual das ideias e vê na Revolução, naquela Revolução que se escreve com *R* grande, e que só pode efectuar-se dentro de nós, — 'o Cristianismo do mundo moderno' —, a todo aquele que vê (e não duvida) na Revolução uma necessidade de ordem moral, — notai bem! —; a todo aquele que reconhece em tudo a sombra do 'dedo de Deus' e vive em constante inquietude, a esse pedimos, sim, que nos ouça atentamente, porque as nossas palavras são de fé no futuro e de esperança em melhores dias». Neste contexto, a inquietude é definida como apelo para Deus, apelo a que se responderá expulsando do templo «os fariseus e os doidos da casa comunista», num contexto em que, por oposição ao conservantismo do homem clássico, se adopta a inquietude de um homem moderno que aceite a missão de reconstruir o mundo, penitenciando-se, no entanto, pela fé, do pecado do orgulho.

A vivência da fé evoca, desde logo, a grande influência que sobre Ruy Galvão exerce uma experiência privilegiada, a da amizade da juventude por um poeta místico, colega de Coimbra, Bernardo de Vasconcelos, da casa de Marvão. Evoca-o uma conferência, editada pela «Pax», de Braga, em 1936. Na Faculdade de Direito, que Ruy Galvão frequentou algum tempo,

antes de se matricular em Filosofia, se originou a camaradagem de estudo seguida pela amizade de Bernardo, Ruy e um açoriano como Ruy, Velho Falcão, que o arrastara para Coimbra. Bernardo escrevia já versos místicos, antes da sua renúncia ao século e da sua profissão na Ordem de São Bento, Ruy versos de amor profano. Ruy admirou, desde logo, em Bernardo a incarnação da santidade e no poeta do amor divino que quis «viver noivo» e «noivo entrar na terra prometida» teve um guia espiritual que ainda o acompanha, não obstante a morte precoce do amigo, que trocou a capa pela cogula de Beneditino. Por isso o Dr. Ruy Galvão de Carvalho, leitor inveterado que, como todos os leitores inveterados, tem forçosamente de possuir um campo vasto de imaginação desincarnada, diz alguma coisa de muito pessoal e vivido quando insiste, por mais de uma vez, na sua obra, que se tivesse de ter sido monge teria professado na Ordem de São Bento.

Ruy Galvão, todavia, não acompanhou Bernardo. Por alguma razão Bernardo, nos seus poemas, confessa, segundo a experiência interior dos místicos, que ignora se era ele próprio que subia a Deus, ou se era Deus que para Si o levava, e Ruy fazia, como diz, versos de amor profano. Mas esse amor profano, por uma exigência de conversão, tem de transformar-se em amor cristão.

A revelação do amor cristão dá-se-lhe na poesia de António Sardinha, a cuja memória dedica uma conferência, realizada em Coimbra, em 1927, no Centro Académico de Democracia Cristã. *António Sardinha, Poeta do Amor Cristão*, eis o título expressivo do estudo.

Ao contrário do simbolismo estético francês, em Sardinha há um simbolismo cristão de origem bíblica, em que o símbolo não é uma charada verbal, mas afirma a Personalidade e o mundo. Neste sentido, a liturgia é também simbolismo. Por isso o casamento cristão exige a presença espiritual do amor, que exclui todas as formas de poligamia sucessiva que resultam da natureza do divórcio. A exaltação do amor forte como a morte — eis o sentido da obra poética de Sardinha, da sua

apoteose do amor conjugal. É neste contexto que Rui Galvão valoriza as formulações poéticas tão fortes e sinceras de Sardinha, quando este confessa nos seus versos: «Da nuvem que passou não resta nada / — que nada vence a fé que te jurei!»; ou quando, com simplicidade lapidar e clássica, define o laço conjugal como «Laço tão simples como antigo e forte, / tem o poder das coisas imortais!» «não há ninguém que intente destruí-lo, ninguém se atreve contra um Sacramento!»

António Sardinha constitui, assim, para Ruy Galvão, não só, como ele quer, aquele que o ensinou «a amar melhor e mais conscientemente o Passado e a boa e clara terra de Portugal», mas o mensageiro em cujo convívio realiza a superação da sua experiência literária e estética. Bernardo de Vasconcelos e António Sardinha são, aliás, com Antero de Quental, as presenças mais fortes na formação do espírito do Dr. Ruy Galvão — e talvez os dois primeiros lhe tenham permitido superar a pesada experiência anterioriana do desespero, que, nem por ser vivida por uma natureza genial, ou talvez por isso mesmo, deixa de ser perturbadora, deixa de ameaçar a comunicação com a esfera da própria vitalidade.

Crítico literário, ensaísta, filósofo na sua interpretação de Antero de Quental, Ruy Galvão de Carvalho começou como poeta, embora a sua afirmação mais lograda não tenha sido como poeta, mas como anterianista — se tivermos em atenção o volume da obra publicada.

Uma das atitudes curiosas no poeta Ruy Galvão é atribuir-se a tradução dos poemas que realmente compõe, embora durante todos estes anos tenha publicado poesia, sob seu nome ou sob pseudónimo, em revistas, páginas literárias e em volume. Assim, desde muito cedo apresenta os seus poemas como traduções de um poeta árabe, de nome Abd el-Kader, que coincide exteriormente com o do célebre emir falecido em Damasco em 1883, depois de, ao longo da primeira metade do século passado, ter conduzido na Argélia, por ele sublevada, a guerra santa contra os franceses.

Todavia, o poeta, segundo Ruy Galvão, não é um mediterrânico do ocidente argelino, mas teria nascido para as bandas da vertente do Anti-Atlas, cadeia de montanhas ao sul do Alto Atlas e cujos contrafortes vêm acabar junto do Atlântico e não longe das Canárias, no Ifni. Abd el-Kader sentir-se-ia interiormente dividido entre a nostalgia do deserto e a atracção do oásis, onde se entende que «deserto» e «oásis» desempenham uma função dialéctica e simbólica que eu penso poder cobrir-se com «mar» e «ilha».

Como entender esta atracção onomástica de Ruy Galvão pelo arabismo? Eis um «segredo» que o poeta não explica e que guarda. Ela, no entanto, pode entender-se a partir da importância que o elemento étnico norte-africano teve no início da colonização dos Açores, particularmente nas ilhas do grupo oriental, a partir da relação intensa dos Açores com as praças norte-africanas ocupadas pelos portugueses na costa atlântica de Marrocos, a partir de uma interpretação arabizante da etnia portuguesa em geral, ou, inclusivamente, pode possuir um significado telúrico, pela exploração literária de uma possível ligação subatlântica entre os Açores e o Atlas, de tradição humboldtiana. No entanto, por mais ténue que seja, o arabismo do poeta é um índice tendencial digno de nota, ignoro mesmo se oculto em tradição de ascendência familiar, como algumas vezes se verifica nos Açores.

Seja por alguma destas razões em particular, seja por algumas delas, o facto é que Abd el-Kader é já o poeta de certos poemas de Coimbra, de 1932, poemas em que a influência anterior se mostra muito forte, mesmo em expressões como «mentira e «esquecimento», «maldito pensamento», os «prisoneiros», «filhos da desgraça», os vencidos «que passam a vida a cogitar». Directa ou indirectamente, o paradoxo é que Abd el-Kader se incarnou num poeta anterior que fala com insistência do «mar profundo», ele, poeta da estepe marroquina, nascido entre deserto e oásis.

Progressivamente, Ruy Galvão de Carvalho vai-se dando conta desta situação de Abd el-Kader no mundo. É o que se

verifica nos sonetos de Abd el-Kader aparecidos em 1971, sob título *Areias do Deserto*, onde a transição mar-deserto é muito marcada. Aí, Abd el-Kader confessa, no seu ritmo sempre intensamente marítimo, que transcreve, nota a nota, o vaivém das águas atlânticas: «É do mar que me vem toda a linguagem / Que transmito aos meus versos — oh miragem / Que não passa de espuma indefinida! ... / Nem sequer deles o eco restará: / Só o canto do mar perdurará / No seu ritmo longínquo e já sem vida ...» E na sua Mata da Solidão continua: «Poesia de absoluta solidão / Sinto-a na casa onde ouço a toda a hora / O Oceano rimar como quem ora/ Os versos que componho na aflição.» Logo a seguir, o «próprio além» identifica-se com «o mistério que emana do Deserto». Por isso o poeta conclui: «Mar ... areia ... deserto ... solidão ... / A mesma cena ... a mesma tentação ... / A mesma água na bilha enfeitada! ...»

É no deserto e por contraste com o deserto que o elemento poético, campesino e rural, «fonte», ganha o seu sentido. Sem atenção ao meio natural, também o pássaro que canta. Enquanto a mulher, «amiga generosa», se vai tornando a «Esperança», à medida do desejo do impenitente romântico que é Abd el-Kader, e o Deserto se vai opondo à Natureza. A voz-milagre da cantora é «Oásis no meio do Deserto», anúncio do sonho que o poeta sonha.

O «como se» da fantasia atinge a sua expressão plena em *Areias do Deserto*, em que na secção «Sonetos do Deserto» se nos depara uma série de belíssimos e musicais sonetos, dos quais extraio o seguinte:

Dos longes vem e para os longes vai
A canção infinita, interminável,
— Esta canção que pelo ar se esvai,
Tal como o fumo ténue, sempre instável ...

Vagamente, em silêncio, agora cai
A sombra do Outro Mundo ... Interminável,
A canção se prolonga e tudo atrai
Num ritmo de mistério impenetrável.

Sempre o mistério! Vejo aquele mundo
Onde a loucura impera; e um poço imundo
Aonde vão parar os que, em verdade,
Não quiseram ouvir nem entender
A canção infinita, — nem viver
O que dela só resta: — amor! saudade! ...

Abd el-Kader morreu em Damasco, não regressou à pátria, a Argélia, mas o poeta Abd el-Kader, da criação de Ruy Galvão, retorna, com o seu criador à sua terra natal. Em 1971, depois de uma nova ausência breve, Ruy Galvão, com efeito, volta de novo ao seu «seguro esteio», a terra onde nasceu, para, como diz, «ver o vasto mar à minha frente e o sino ouvir».

Mar Intranquilo é uma nova colecção de poemas dedicado à memória dos antepassados que, «com o arado e a rede compuseram Poemas em louvor de Deus, do Amor e da Vida». A alegria do regresso exprime-se festivamente, misturada com a melancolia da saudade dos anos da juventude e de inocência. É quase popular no sabor o soneto em que o poeta dá graças a Deus por ter nascido na sua aldeia: «Terra da minha Mãe, oh que magia / Encontro nos teus campos, ao luar! / Foi escutando as aves a cantar / Que despertou em mim a Poesia! ...» Paradoxalmente, o poeta árabe nascido no Anti-Atlas, alegra-se com as festas religiosas, saúda o sino da aldeia, as aves canoras da Mata da Solidão, o balcão da sua infância e, com o sentimento masculino e cristão do amor, tão semelhante ao de seu Mestre António Sardinha, conclui: «Ó casa ao pé do mar, um grande Amor / Viste um dia florir com tanto ardor / E que, qual chama a arder, se alteia ainda! ...»

O mar-deserto criou Abd el-Kader, poeta do sul de Marrocos, mas de facto ele septe-se insular e profundamente açoriano: «Nas minhas veias sinto / O mar intranquilo, / E oiço correr a seiva da terra. / Nasci numa ilha distante / Dos Continentes — / Mas jacente no meu coração». Assim, Abd el-Kader canta os pescadores e lavradores da sua aldeia e do mistério da origem conclui a sua necessidade de rectidão e honestidade

na vida: «À beira-mar nasci: / A rua era direita, / Até lembrava uma recta, / — Uma linha recta ... / — Oh mistério do Destino! — / Gosto de linhas rectas, / Das almas rectas, / Quero que tudo se comporte rectamente».

Julgo que se não dissesse mais sobre a personalidade do pedagogo, aliada à do poeta, já teria suficientemente destacado a comunicação entusiástica de Ruy Galvão com o mundo e a vida. Galvão el-Kader tanto reage ao sentimento imediato de um lirismo natural como escreve poesia para comentar um livro acabado de ler, um poema, ou depois de ouvir uma bela voz ou uma sinfonia, ou na hora extrema da passagem à reforma, que corta o laço comunitário com a juventude, sugestiva e cheia de significado sobretudo na adolescência, antes do fenómeno de socialização que integra o homem no mundo áspero da concorrência e da pressão do quotidiano.

Poeta espontâneo, dotado de extrema facilidade de expressão e que quase não revê os seus poemas, ao mesmo tempo que duvida da sua própria expressão poética, este árabe el-Kader, que, não sabemos como, é sebastianista e vive a «noite de Pascal e da Paixão», nem por ser um artifício, deixou de marcar o seu lugar na poesia moderna portuguesa. Por alguns poemas publicados em revistas literárias, críticos houve que pensaram estar-se verdadeiramente em presença de traduções de um lírico árabe, o que um conhecimento mais largo logo desfaz. Galvão/el-Kader, entre o publicado e o inédito, em especial como intérprete de ritmos marítimos, escreveu belíssimos poemas, dignos de figurarem numa antologia da nossa literatura.

Por outro lado, a poesia de el-Kader dá-nos elementos importantes para o esclarecimento do carácter de Ruy Galvão de Carvalho. Quando ele escreve que gosta «de linhas rectas, / De almas rectas, / Quero que tudo se comporte rectamente», afirma um dos traços essenciais da sua maneira de ser, por vezes excessiva, porque não dizê-lo, imoderadamente exigente, mas inseparável da juventude de espírito que, por graça espe-

cial, acompanha, até ao fim da vida, certas naturezas artísticas e intelectuais.

Mas tenho, agora, por força do tempo, de ocupar-me de uma nova face da actividade do Dr. Ruy Galvão de Carvalho, a do anteriorista. Antero, «o maior poeta da nossa terra depois de Camões», no juízo de Joaquim de Carvalho, partilhado por autores tão diversos como António Sérgio e Costa Pimpão, tem sido um dos pólos de atracção intelectual dos açorianos, em particular dos micaelenses, por força da circunstância da naturalidade e da tradição a ela ligada. Em Antero junta-se a poesia à metafísica e à religião, num processo criador em constante movimento, inacessível a quem o pretenda surpreender, em estado de quietação, como nota o Dr. Jaime de Magalhães Lima, no prefácio que escreveu para o primeiro livro que Ruy Galvão de Carvalho dedicou ao nosso genial conterrâneo.

Esta mutabilidade permanente do processo, a «inquietude» que Ruy Galvão descobre desde o início como o contrário da «quietude» dos que não querem ouvir nem entender «a canção infinita», não está presente só no poeta, é desde sempre uma das exigências da compreensão que o filósofo tem da vida. Ruy Galvão lê-a em Antero, logo no primeiro dos *Três Ensaios sobre Antero de Quental*, editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1933: «À chamada *realidade objectiva* o Poeta substitui a realidade subjectiva e espiritual; sobre o *aparente estático* Antero constrói todo um mundo dinâmico». Neste contexto, vento e mar surgem como símbolos. Outro aspecto da «inquietude» é a existência na obra de Antero de um soneto para cada modalidade do homem intelectual, num desdobramento em que se oferece o drama do seu século.

Se o primeiro ensaio do livro é dedicado a um conterrâneo ilustre, o Dr. Aristides Moreira da Mota, o segundo é dedicado ao Dr. Joaquim de Carvalho, seu mestre na Faculdade de Letras de Coimbra, e ele também anteriorista ilustre. De novo a «inquietude»: a «inquietude religiosa de Antero». Antero viveu a inquietude: «Teve-a Antero em todas as fases da sua vida, em todos os momentos da sua existência; e, como poucos, a

amou, compreendendo-a; e, como poucos, a sentiu, vivendo-a.» No fundo, Antero foi sempre cristão, a sua inquietude fê-lo sempre girar à volta de Deus e de Cristo, embora a sua interpretação cultural de Cristo não fosse ortodoxa. O terceiro ensaio, «Antero de Quental na fase última da sua vida», estuda e interpreta o «santo Antero» que, da altura a que chegou, vê, como diz o célebre soneto, o Amor. Todo o estudo anda em volta da pergunta sobre a razão por que Antero amou «tão *devotadamente* a morte». Para Ruy Galvão, a morte é a marca da mobilidade; como Heraclito viu, o movimento é lei universal. O primeiro culto do homem seria o da morte.

Deste modo, pode dizer-se que o primeiro livro de Ruy de Galvão de Carvalho sobre Antero é uma meditação sobre a inquietude, em que ele projecta o seu próprio tema, a que a experiência de Antero deve corresponder. A divina inquietação de Antero, eis o resultado, que confirma o ensaísta na sua apologia da inquietação. Uma ideia filosófica tão velha pelo menos como Heraclito, a do devir como princípio, é posta à prova e fortalece a convicção da utilidade da inquietação e da dúvida. Por toda a parte é rastreável a influência de Bergson, já que o devir humano como inquietação coincide com a actividade criadora — o *élan vital* — que caracteriza a vida.

Aliás, a nova posição do bergsonismo, a sua interpretação do mundo e da alma, que havia de influenciar tão profundamente Péguy e Claudel, é inseparável da imagem de Antero que é transmitida por este seu intérprete açoriano. É por aqui que Ruy Galvão pode lançar, posteriormente, pontes entre Antero e os filósofos da existência, passando, portanto, da hermenêutica por uma filosofia da vida para a hermenêutica por uma filosofia da existência: o resultado será Antero como precursor dos filósofos da existência.

Em edição da revista *Ocidente* sai o segundo livro de Ruy Galvão de Carvalho sobre Antero: *Antero de Quental e a Mulher*, que traz o subtítulo *Ensaio Breve de Interpretação Psicológico-Literária*.

Formado em Ciências Filosóficas, Ruy Galvão fez a especialização em psicologia. Essa especialização e a aproximação entre um neo-aristotelismo eclético e o bergsonianismo fornecem o quadro cultural e crítico mais permanente dos seus estudos anteriores.

O malogro de todos os amores de Antero contribuiu para o seu pessimismo. Manteve sempre a potencialidade do amor, idealizou a mulher, ou, melhor, superidealizou-a chegando por fim a tentar o suicídio por desilusão amorosa. A sua moral é de características afectivas, por onde se deve explicar o seu desabafo «Ai da filosofia que não venha do coração!». Antero teria sido um tímido superior, o que explica a sua própria afirmação de que era «púdico como um elefante» e o seu «feticismo do ideal» (ao longo do estudo, Ruy Galvão segue algumas distinções fundamentais de Gregório Maraño). O culto pela mulher documenta-se nas *Primaveras Românticas* e não só.

Trata-se de teses polémicas, em que o ensaísta se compraz na exaltação de uma moral de características afectivas, que constitui, igualmente, um dos traços do poeta lírico Abd el-Kader. Ainda aqui o encontro entre o ensaísta e o homem é perfeito.

Em *Antero Vivo*, volume de ensaios editado em 1949, também por *Ocidente*, um novo tema é o da análise da prosa de Antero de Quental, o cuidado em destacar o clássico da prosa em língua portuguesa. Com António Sardinha, Ruy Galvão vê em Antero o filósofo antecipado da acção. Ele foi, de facto, insiste Ruy Galvão, o precursor da intuição bergsoniana. De novo, a curiosidade intelectual de Antero constitui ponto de partida para o esboço do seu pensamento filosófico, um pensamento em que a filosofia se mostra afectiva e humana, traduzindo-se na atitude rigorosamente moral que absorveu a sua vida.

Ruy Galvão procura documentar com as *Cartas* de Antero, em particular, o anti-intelectualismo do seu autor. E destaca o seguinte passo privilegiado: «Há muitas lógicas. O sentimento tem a sua; diversa só; mas nem por isso menos segura». Além desta síntese tão eloquente e forte, ao contrário de Hegel do *Sistema*, que põe o último termo da evolução na razão e no

conceito, Antero acentua, muito inequivocamente, que quem vai à frente na «procissão da Humanidade» é o Santo, não o filósofo.

A insistência de Ruy Galvão na sua interpretação anti-intelectualista de Antero de Quental acaba por abrir perspectivas indispensáveis para quem o queira compreender a partir de certas tendências muito opostas ao hegelianismo, por onde ele, afinal, se auto-interpretara erradamente. De facto, o ensaísta de *Antero Vivo* consegue tornar evidente que em Antero se verifica, mais espontaneamente do que a disciplina do sistema e do conceito, a orientação para uma filosofia da vida. Essa atitude reactiva, que foi de Kierkegaard, ou até do primeiro Marx, tê-lo-ia levado à questão de uma razão «que tenha vida», ao problema central de Ortega y Gasset, se é correcta a minha leitura.

Mas, para além disso e mais significativo, é que a influência da interpretação de Antero, oferecida nos escritos de Ruy Galvão de Carvalho, não deixou de exercer-se e foi ponto de partida para uma tese de doutoramento, ainda recente, na Universidade da Califórnia. O trabalho, do micalense Fernando Soares da Silva, publicado, sob título *Antero de Quental. The Existentialist Poet-Philosopher*, foi, aliás por ele prefaciado.

A unidade e aliança do pensamento e da acção, pressuposto aliás da sua formação, é inseparável da inquietude que Ruy Galvão de Carvalho exalta e cultiva. O culto do Ideal é uma devoção a que nos temos de dedicar, até onde for humanamente possível, sem compromissos nem abdições. Ao que o ensaísta acrescenta, referindo-se ao ano de 48, em que escrevia: «A coerência, ou seja o acordo do nosso pensar com o nosso agir, — agora significa unicamente conveniência, interesse pessoal, cálculo, servilismo ...» Por onde uma ética pessoal é referida ao princípio da inquietude, de onde partimos, para compreender a mensagem de Ruy Galvão de Carvalho, como poeta e pensador, e a sua personalidade.

Não nos propusemos, nesta circunstância, apresentar uma resenha bibliográfica da obra publicada ou da inédita de Ruy

Galvão de Carvalho, mas é justo salientar que a sua anterioriana possui umas dezenas de números, entre trabalhos de erudição, como a *Ordenação Cronológica dos Sonetos Completos*, e ensaios críticos e de interpretação, como os que referimos. Neste momento, o ilustre anteriorista prepara uma *Antologia Poética de Antero de Quental*.

Com isto, pretendemos ainda passar em revista, com a rapidez que o tempo impõe, por último na ordem, mas não pelo significado, um dos aspectos, por muitos motivos do maior relevo, da actividade do Dr. Ruy Galvão de Carvalho, a de açorianista, como estudioso da história literária das nossas Ilhas.

Tem sido publicamente referido e é do conhecimento geral que o Dr. Ruy Galvão de Carvalho, já antes dos anos de 30, recolhia material para uma história da poesia açoriana, que acabou, depois de algumas metamorfoses, por tomar forma nos seus *Subsídios para a História da Poesia Açoriana*, em que analisa e estuda os poetas de todas as Ilhas, editados e inéditos, entre Santa Maria e as Flores, na convicção, que partilha com Hamman, de que a poesia é a língua materna» da humanidade. Naturalmente, Ruy Galvão não desconhece a aproximação moderna entre a prosa e o verso e o truismo de que há mais poesia na prosa de Raul Brandão do que nos versos de um formalista. Todavia, no âmbito da lírica, que domina a poesia portuguesa, e, com mais razão, a açoriana, o facto não tem em geral o alcance que possui em certas literaturas europeias.

Ruy Galvão assenta na convicção de que a poesia incita à realização de ideais superiores, é desinteressada, é espontânea e espelha a inquietude do espírito. Por isso só medra na liberdade, porque o poeta tem de ver livremente e tem de sentir livremente.

Entre a imensa colaboração de Ruy Galvão para a imprensa, para revistas literárias e para a rádio, o tema da significação e do alcance da poesia açoriana, que o ocupou, como dissemos, durante dezenas de anos, alcança lugar relevante» Nas páginas de Letras e Artes de *O Comércio do Porto* Ruy Galvão insiste que «o açoriano é, dos povos de origem

portuguesa, aquele que, devido a circunstâncias diversas, entre as quais o factor geofísico (a insularidade, a paisagem, o isolamento, o mar, etc. ...), — possui uma fisionomia própria e inconfundível». O açoriano, em seu experimentado e culto juízo, destaca-se da demais família lusitana «pelos formas originais de pensar e de agir, de ver e sentir as coisas, o mesmo ambiente, as gentes, o universo». Conservador e inovador, contemplativo e idealista, emotivo e solitário, enraizado à terra-mãe e simultaneamente cidadão do mundo, com isso sempre permeável às solicitações que lhe vêm de fora, pode perguntar-se se, nestas condições extremamente favoráveis, há uma literatura ilhoa livre da influência da mãe-pátria.

Anterianista, ele sabe que Antero tomou a sério a personalidade açoriana e definiu os açorianos como «filhos do mar, como que hidráulicos por constituição» — assim no *Jornal do Porto*, por 1861, a propósito da necessidade da construção de uma doca em Ponta Delgada. Outro açoriano, seu colega de Coimbra, Vitorino Nemésio, repetiu ou, mais exactamente, parafraseou: «Os nossos ossos mergulham no mar». Repete-os e cita-os, muito fielmente, mas também não ignoramos que Fernando Pessoa faz começar o Portugal moderno com Antero e que Vitorino Nemésio nunca ocultou a profunda atracção afectiva por Coimbra, onde procurava passar os momentos livres da sua existência afadigada e onde quis ficar a dormir o sono eterno, à sombra das árvores dos Olivais, não longe da sua propriedade, que baptizou de «Casaréus».

Todavia, para diferenciar o açoriano, a geografia vale tanto como a história, insistiu Nemésio, evocando os sismos e as enchentes. Repito: «Os nossos ossos mergulham no mar».

Ruy Galvão procura outros elementos. Com Gilberto Freire, o fundo místico, filiado na colonização flamenga dos grupos central e ocidental, fundo tão evidente que não vale a pena discuti-lo, acompanha-nos na vida. O fatalismo, ligado a uma profunda religiosidade, especialmente do micalense, religiosidade manifestada no culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. Estou em condições de notar que o «Ecce Homo» da Esperança

irradiou para as Ilhas de Oeste e, por tradição familiar, que desde o início do século XIX se lhe faziam promessas, nas Flores, ou por florenses na emigração. A Esperança pode bem considerar-se, a todos os títulos, como o santuário dos açorianos. Para não falar do vínculo, a um tempo teológico e etnopsicológico, do Espírito Santo.

Ruy Galvão escreve que «a insularidade fez do português dos Açores um homem independente, de mentalidade autónoma», individualizado sob o ponto de vista antropológico, mas chega à conclusão de que não há rigorosamente «poesia de significação açoriana». *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, abriu uma via literária, iniciou um movimento. A exigência que Ruy Galvão põe, desde logo, é, porém, que a «matéria prima» açoriana seja aproveitada de modo a que o homem comum se interesse por ela. E lembra, a propósito, que o regionalismo é «a escola primária do nacionalismo».

Nos seus artigos de «O Comércio do Porto», como se vê, o ensaísta e crítico chega à conclusão de que não há lugar para uma poesia açoriana autónoma da portuguesa. As correntes e tendências estéticas são as mesmas, nas Ilhas e no continente, não obstante todos os elementos de diferenciação próprios do açoriano. Inclusivamente, acentuam-se certas tendências emotivas de raiz portuguesa, como a tristeza, filha da dor-distância e da dor-ausência. Por outro lado, é inegável que o ritmo do mar entra no próprio ritmo dos poetas açorianos. Julgo que o ensaísta Ruy Galvão os define pelo poeta Abd el-Kader: «Ritmo molhado mas cheirando a maresia». A evasão é outro tema açórico, que se lê fortemente em Roberto de Mesquita, por toda a parte, por exemplo quando conclui com fatalismo referindo-se, certamente, à sua formosa ilha: «Dorme, princesa, dorme sem sonhar, / fecha o teu macerado coração / à voz da vida que te vem tentar: / jamais conseguirás a evasão!»

É de notar que, há dezenas de anos, Ruy Galvão liga a condição de que se obtenha «a unidade moral e espiritual da gente açoriana» à possibilidade de que nasça uma poesia regio-

nal de tendência própria, nos Açores, confrontando-nos com o caso caboverdiano, particularmente com os grupos da «Clari-
dade» e da «Certeza». À sua pergunta sobre se isso será possível
responderem, neste momento e de certa maneira, a autonomia
e regionalização dos Açores, embora seja evidente que, por
contraste com Cabo Verde, não há vestígio de lusotropicalismo
nas nossas Ilhas, para onde se transplantou uma sociedade
europeia historicamente realizada, com todas as suas motiva-
ções e exigências peninsulares, num desenvolvimento linguístico
paralelo e com estruturas sociais já definidas na origem. Não
há nos Açores vestígios de uma sociedade crioula e os indícios
de imigração divergente, no povoamento, e das suas fontes,
predominantemente flamengas, também se perderam, como po-
tência criadora, para o comum das gentes. Por outro lado, não
é possível, com fundamento objectivo, segundo a antropologia,
falar de um carácter insulano, de habitante de ilhas em geral.

Uma «unidade moral e espiritual» açoriana, dentro do prin-
cípio que Ruy Galvão propugna de que os Açores, nas suas
palavras, constituam uma «unidade indivisível», significa que os
escritores têm de descobrir as suas matrizes açorianas, insu-
ficientemente presentes, por exemplo, na poesia culta. As gran-
des obras universais, acentua Ruy Galvão na série notável
de artigos publicados em *O Comércio do Porto*, a que me
refiro, trazem a marca da origem. Quem não subscreverá a
sua exigência de que os escritores açorianos escrevam obras com
assuntos locais, na posse do que chama o «drama» ilhéu, «em
vez de versarem nos seus livros casos de mera literatice»?

Porém, ideológica e esteticamente, a poesia popular aço-
riana decantou a própria saudade galaico-portuguesa, que se
transformou num sentimento vital, «mar-melancolia», diríamos,
filho da primeira experiência da distância, sempre repetida,
e do meio. Parece estar aqui a fronteira natural da expressão
autónoma da literatura e, principalmente, da poesia açoriana
(muito embora os motivos marítimos não estejam excessiva-
mente representados no cancionero popular).

A exigência, propugnada por Ruy Galvão, de uma «unidade moral e espiritual da gente açoriana», a constatação de uma «fisionomia própria e inconfundível» das populações dos Açores, de condições em extremo favoráveis à sua individualização, constituem um registo que só nos últimos anos ganhou actualidade premente. Com isto, por igual, se transfigura o labor beneditino do homem que, num esforço pertinaz e intrépido de meio século, inventariou as nossas fontes poéticas, desde o fenómeno da poesia popular à poesia erudita — labor que se torna em acto que funda, eu diria, aplicando a sua linguagem, inquietude. Os dez volumes reunidos nos *Subsídios para a História da Poesia Açoriana* continuam infelizmente inéditos. Deles, no entanto, algo já transpirou, em publicações dispersas, como vimos, em conferências e em colaboração para a imprensa e para a radiodifusão. Em breve aparecerá uma *Antologia da Poesia Açoriana*, preparada e prefaciado pelo Dr. Ruy Galvão.

Mas não foi apenas a poesia que tem interessado o Dr. Ruy Galvão de Carvalho, nos seus temas tratados para o público. A música popular, as agremiações culturais, a contribuição dos Açores para a filosofia em geral, em colaboração para a *Revista Portuguesa de Filosofia*, os liceus açorianos, enfim, tudo o que possa ter nos Açores um significado cultural tem sido objecto de atenção por parte do homem a quem, hoje e aqui, rendemos pública homenagem como escritor, poeta e pedagogo, e pelo seu amor à terra em que nasceu e pelos Açores em geral.

Ruy Galvão de Carvalho pertence ao número dos que tiveram a graça de orientar a «inquietude», tema que Herculano já pressentia quando notava que «da inércia ou da hipocrisia é que nada há a esperar», para a conquista permanente do sentido cultural da vida humana que se constitui desde que o homem se refere a outro homem, ou seja, desde que se constitui humanidade. E encontrou esse sentido no culto dos valores dos que, como ele escreve, «com o arado e a rede compuseram poemas em louvor de Deus, do Amor e da Vida» — valores sem os quais se apaga o sinal santificante das origens.

Por isso, o acto tão simples, da iniciativa desta Junta de Freguesia, de atribuir o nome do Dr. Ruy Galvão de Carvalho a uma das ruas da sua terra natal, nos toca tão fundamente e constituirá monumento mais duradouro do que o bronze.

★

Forçoso é terminar, não obstante o muito que haveria ainda a dizer sobre o poeta, o ensaísta e historiador da literatura açoriana, o defensor intrépido da unidade e da personalidade açorianas, na tribuna da imprensa local e da grande imprensa diária do continente, dessa personalidade que procurou compreender, num trabalho de meio século de colecção e crítica de modelos poéticos, publicados e inéditos, o cidadão e o pedagogo que, com verdade, pode saudar o mar como «irmão no amor à liberdade», «Irmão-Mar». Louvando-se de ter nascido na sua aldeia de Rabo de Peixe onde, nos seus versos, nos revela que recebeu o apelo da Poesia, a homenagem que hoje aqui lhe prestamos é também a da ilha do seu «sonho-menino», que ama apaixonadamente, e do povo dos Açores, do povo que possui um secreto instinto para, cedo ou tarde, descobrir quem com ele sincera e despretensiosamente se irmana, nos sentimentos e nas aspirações, na rectidão e na simplicidade da vida. Só me resta juntar a minha homenagem modesta à dos seus amigos e admiradores, bem como à dos seus antigos alunos, que o não esquecem e que, presentes ou ausentes, neste momento de regozijo festivo, se congratulam e acompanham o Mestre inesquecível que o Dr. Ruy Galvão de Carvalho continua a ser.